

A ORIGEM DAS CIDADES E DOS PRIMEIROS NÚCLEOS DE MORADIAS: as primeiras cidades como fruto de minas, fortalezas, pontos de controle da água e de ritos religiosos

Anderson Franciscon¹ 

Moisés Wagner Franciscon² 

RESUMO: Antes que a pesquisa arqueológica se estendesse territorialmente, quantitativamente e qualitativamente, enquanto os pensadores contavam apenas com a lógica e o bom-senso, acreditou-se que o surgimento das cidades se deu pelo desenvolvimento da agricultura em agricultura intensiva e do crescimento e aglutinação de aldeias rurais. O século XX e XXI descortinam uma nova realidade mais complexa e variada para o processo, com a mineração, segurança, caça e coleta, religião e outros aspectos tomando o espaço antes creditado à agricultura. Empregou-se a revisão bibliográfica para localizar a crença inicial da dependência agrícola e como se deu sua transformação diante dos novos dados. Também se utilizou da revisão bibliográfica de pesquisas recentes sobre as diferentes causas de urbanização na transição do paleolítico para o neolítico. O objetivo é detalhar essa transformação.

Palavras-chave: Primeiras cidades; Revolução Neolítica; Arqueologia; Agricultura.

THE ORIGIN OF CITIES AND THE FIRST SETTLEMENTS: the first cities arose from mines, fortresses, water control points, and religious rites

ABSTRACT: Before archaeological research expanded territorially, both quantitatively and qualitatively, while thinkers relied solely on logic and common sense, it was believed that the emergence of cities was due to the development of intensive agriculture and the growth and merging of rural villages. The 20th and 21st centuries reveal a new, more complex and varied reality for this process, with mining, security, hunting and gathering, religion, and other aspects taking the place previously attributed to agriculture. A literature review was used to locate the initial belief in agricultural dependence and how it transformed in light of new data. A literature review of recent research on the different causes of urbanization in the transition from the Paleolithic to the Neolithic period was also employed. The objective is to detail this transformation.

Keywords: First cities; Neolithic Revolution; Archaeology; Agriculture.

EL ORIGEN DE LAS CIUDADES Y DE LOS PRIMEROS NÚCLEOS HABITACIONALES: las primeras ciudades como resultado de minas, fortalezas, puntos de control del agua y ritos religiosos

RESUMEN: Antes de que la investigación arqueológica se expandiera territorialmente, tanto cuantitativa como cualitativamente, y cuando los pensadores se basaban únicamente en la lógica y el sentido común, se creía que el surgimiento de las ciudades se debía al desarrollo de la agricultura intensiva y al crecimiento y la fusión de las aldeas rurales. Los siglos XX y XXI revelan una nueva realidad, más compleja y variada, de este proceso, donde la minería, la seguridad, la caza y la recolección, la religión y otros aspectos han reemplazado a los previamente atribuidos a la agricultura. Se utilizó una revisión bibliográfica para ubicar la creencia inicial en la dependencia agrícola y cómo se transformó a la luz de nuevos datos. También se empleó una revisión bibliográfica de investigaciones recientes sobre las diferentes causas de la urbanización en la transición del Paleolítico al Neolítico. El objetivo es detallar esta transformación.

Palabras clave: Primeras ciudades; Revolución Neolítica; Arqueología; Agricultura.

¹ Prefeitura Municipal de Campo Mourão, Campo Mourão-PR, Brasil – a.franciscon@hotmail.com

² Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR, Brasil – mw.franciscon@hotmail.com

Introdução

Durante os séculos XVIII e XIX estabeleceu-se um consenso sobre o modo como se deu o surgimento das primeiras cidades: com o desenvolvimento da agricultura, as pequenas explorações rurais foram se adensando com o tempo, pela atração populacional para a vida sedentária e o crescimento vegetativo da população, até o momento em que apareceram as primeiras aldeias, e da fusão destas, pelos mesmos mecanismos, as primeiras cidades. Todo o processo tendo por base a agricultura, bases rurais, com o desdobramento desta, de extensiva e com plantas selvagens ou em processo de domesticação, para a agricultura intensiva, com cultivares domesticados e padronizados pelo processo de seleção, portanto agora capaz de suprir esses centros urbanos com um excedente de alimentos antes inexistente.

Não era apenas a pura lógica infundada em provas que atraía os pensadores e pesquisadores para a ideia da natureza agrícola das cidades. Uma simples consulta a um mapa as posicionava em planícies férteis ao longo de rios importantes e causadores de enchentes periódicas (o surgimento de cidades em outras áreas, como a Caral no litoral semidesértico do Peru, ainda era desconhecido). Chamou-se então seu local de origem de Crescente Fértil, reforçando o vínculo agrícola. E as explorações arqueológicas do século XIX na Mesopotâmia e mesmo no século XVIII no Egito percebiam suas ruínas ao longo do Nilo ou de canais agora secos do Tigre e Eufrates, ou mesmo do rio Halys ao lado de Hattusa. Todos os autores, como mostra Finely (2019), fossem historiadores, sociólogos, economistas ou divulgadores, apostaram no mundo agrícola concebendo o mundo urbano. E tal posição não se desfez rapidamente quando novos dados emergiram da pesquisa arqueológica no século XX.

Num mundo no qual a imensa maioria da população vivia no campo, fazia todo o sentido imaginar que fora o campo quem dera origem às cidades, que atividades agrícolas se concentraram e criaram a vida urbana, e não que atividades mais próximas da vida urbana, como mineração e religião, fossem suas raízes.

O que condenou as elucubrações iluministas e oitocentistas ao erro foi a própria noção da cidade como uma etapa do progresso humano, submerso na noção de progresso como bem humano. Assim, o surgimento da cidade seria uma benesse, um avanço, um degrau a mais no patamar da civilização, que todos que tivessem contato com ela adeririam, almejavam pela urbanização. Que a vida nesta seria muito superior à vida camponesa ou mesmo nômade. Graeber e Wengrow (2022) oferecem uma visão muito distinta. A vida na cidade originou-se não de uma alegre evolução, mas da dor da necessidade.

Mumford (2004) apontam para o surgimento das primeiras cidades pela atração exercida pelos locais de reunião e de religiosidade, e não pela agricultura. Novas descobertas, como Göbekli Tepe e Karahan Tepe, lançam a pergunta: a cidade fez surgir o centro religioso ou o centro religioso fez surgir a cidade? A cidade poderia ter surgido como um centro religioso e não um centro agrícola, como Skara Brae (MACKIE, 1977). As origens da urbanização podem ser muito variadas: a cidade pode ter surgido como fortaleza urbana: é o caso de Jericó e a fortificação e dominação do vale e da fonte de água. Assim existiriam cidades surgidas do controle sobre a água e não exatamente sobre a agricultura - fontes para pastores e caravanas, sobre as quais a entidade urbana, ou aqueles que a dominavam, poderiam projetar poder e os primórdios do Estado sobre os mesmos necessitados de água. O que emancipa a cidade de uma origem de aglutinação agrícola. Apesar dos pastores serem a causa inicial do estabelecimento da cidade, esta já surge urbana, constituída por um grupo de soldados, salteadores ou chefes tribais que desejam manipular as populações locais em troca do acesso à água agora sob escrutínio da urbe. As cidades também poderiam ser grandes acampamentos fixos para a caça e coleta abundantes em zonas próximas, independentes da agricultura, como no Levante. Algumas das primeiras cidades podem ter surgido por causa de suas jazidas minerais, preciosas para o comércio emergente da época: pedras apropriadas para as diferentes necessidades do homem da passagem do paleolítico para o neolítico, corantes e tinturas, pedras preciosas tidas como sagradas por afastar espíritos e proteger os corpos que adornavam

boca, olhos, mãos - num processo de busca por segurança que conduziu a constituição dos núcleos urbanos sem ruas na Anatólia, com forasteiros se defrontando com paredes como muralhas. Poderiam ser laboratórios nos quais a população testaria práticas de caça, coleta, exploração florestal e agricultura, tanto com uma agricultura já existente quanto no próprio desenvolvimento desta *após* a existência da cidade, como em sítios do Crescente Fértil que presenciaram a domesticação de plantas e de animais. Além das aldeias de palafitas no meio dos rios e lagos da Europa protegendo líderes e não simples camponeses agricultores.

A pesquisa foi realizada por meio de extensa revisão bibliográfica. Foram selecionados autores e textos imprescindíveis sobre a questão da origem das cidades ao longo dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Essa revisão permitiu identificar as mudanças de percepção sobre a aparição da vida urbana com o início de escavações com novos métodos, abordagens e objetivos durante o século XX. Bem como a preservação de algumas posições antigas apesar da eclosão de nova informação. A utilização de Finley, Coulanges, Weber, Marx e outros, como promotores da teoria agrícola, fazem o artigo se concentrar na área conhecida pelos mesmos – o Crescente Fértil. Apenas Skara Brae, no norte insular da Escócia, Nebelivka, na Ucrânia, e Roma na península italiana, escapam a essa região geográfica. Elas também se destacam por sua idade recente, comparada aos demais sítios citados. Sua inclusão se deve ao interessante debate sobre suas origens extra-agrícolas. Roma apresenta autores clássicos que defendem tanto uma origem agrícola como uma comercial e não-agrícola. Caral (ou a vizinha Áspero, que, como Göbekli Tepe é pré-cerâmica) também ne encontra na passagem temporal do Paleolítico para o Neolítico na América do Sul, Cholula e Teotihuacán no México, Nakbe no Yucatán, ou Cahokia nos Estados Unidos, ou ainda Mohenjo-daro e Harappa no Paquistão. Incluir Caral e outras cidades primitivas da África e da Ásia tornaria o presente artigo impraticável por sua extensão, apesar de divulgadores de pesquisas do passado também citarem as antigas cidades do norte da Índia Britânica (atualmente no Paquistão) e chinesas da bacia do Tarim (apesar de hoje se considerar sítios arqueológicos no rio Amarelo como mais antigos, como as cidades de Shimao e Pingliangtai) como parte do processo de desenvolvimento agrícola (WELLS, 1970, p.271-272). Outros locais, como Cahokia, não servem ao escopo por terem origens, até o presente momento das escavações, agrícolas ou cerealistas (GRAEBER, WENGROW, 2022, p.582). Os dados atuais indicam que muitas das primeiras cidades surgiram de maneira extra-agrícola, o que não significa dizer que todas o eram, o que iria contra os fatos. Assim, os artigos mais recentes que compõem essa revisão bibliográfica se restringem à mesma região geográfica na passagem do Paleolítico para o Neolítico. Estes são arqueólogos e antropólogos, como Barkai e Liran, Clare, Conolly, Graeber e Wengrow, Hodder, Hussen Abdo, Schotsmans, Busacca e Bennison-Chapman, que tratam da origem extra-agrícola das cidades.

Foram selecionados alguns autores de princípios e meados do século XX que já apontavam para as origens diversas das cidades. Ao mesmo tempo, pesquisas recentes sobre sítios arqueológicos chave foram escolhidas, por trazer novas descobertas que confirmam a origem extra-agrícola de muitas das primeiras cidades, segundo o quanto podem elucidar o caminho da transformação dessa faceta da Revolução Neolítica.

A teoria da “caça, pastoreio, agricultura e comércio” e o surgimento das cidades

Finley (2019, p.11), em seu artigo de 1977, menciona a teoria que surgiu entre Montesquieu e Marx, defendida principalmente por escoceses e franceses, como John Millar, que propunha quatro fases para o desenvolvimento humano: caça, pastoreio, agricultura e comércio. A cidade encontra-se na fase agrícola. A lei e o governo dependeriam da fertilidade ou da pobreza dos solos agrícolas. Finley aponta que Fustel de Coulanges, apesar de não mencionar a teoria, propõe a criação das cidades na fase agrícola em seu *A cidade antiga*, de 1864. Ainda segundo Finley (2019, p.12), a primeira teoria econômica da formação da cidade deveu-se a Werner Sombart (1863-1941), que também as relaciona com a produção do campo. Karl Bücher em 1893 teria ampliado a teoria das quatro fases com outras três: a

comercial/economia domiciliar fechada, economia da cidade e economia nacional. Para ele os habitantes da cidade antiga eram os proprietários e trabalhadores agrícolas (FINLEY, 2019, p.13). Max Weber trouxe suas noções sobre as origens da cidade em um estudo sobre estrutura agrária (FINLEY, 2019, p.16), ao produzir “tipos ideais” igualmente funcionais para a cidade da Antiguidade Clássica quanto para as cidades do Oriente Antigo. Smith teria sido capaz de produzir observações “muito argutas” sobre a origem das cidades (FINLEY, 2019, p.13). Segundo Weber:

Originalmente a cidade antiga nasceu em volta da cidade residencial dos grandes proprietários de terra, mas conforme ia crescendo, diminuía cada vez mais o número dos proprietários de terra, pequenos ou grandes (FINLEY, 2019, p.17).

Finley lembra que para Marx a síntese da cidade é a sua separação do campo (FINLEY, 2019, p.21). O próprio Finley usa Diodoro para visualizar uma cidade mais variada: “a vida econômica” de Nórico “dependia da produção agrícola, do pastoreio, da mineração, da indústria (sobretudo da fundição de ferro e trabalho do metal) e do comércio” (FINLEY, 2019, p.25), além de mencionar pólis que viviam exclusivamente da pesca no difícil território grego.

Igualmente, Fustel de Coulanges dá pouca atenção, ou nenhuma, ao processo econômico de formação das cidades. Para ele, ela se constituiu num primeiro momento da reunião e fusão de grupos humanos cada vez maiores: famílias, fratrias, tribos, acumulando aos seus deuses familiares divindades cada vez mais generalistas até abarcar toda a cidade (COULANGES, 2004, p.166). Sua origem era religiosa, e não econômica. No entanto, permite vislumbrar origens agrícolas e sociais de Roma: um recinto sagrado de asilo para aventureiros, bandidos e líderes que construíram cabanas para abrigar butins, mas também de imigrantes de Alba Longa organizados em *gens*, portanto com uma origem agrária, além do ritual religioso de fundação da cidade que trazia práticas do campo, como o ato de arar a terra com bois (COULANGES, 2004, p.175; 178).

Weber já propõe outra vocação para Roma: o comércio pelo rio Tibre (WEBER, 2008, p.10) em direção ao norte etrusco. Uma cidade de origens comerciais e não agrícolas. Outras cidades da Itália da época, no entanto, possuíam raízes no campo, e se urbanizaram em recorrência das fortificações para proteção local: “esos centros habitados manifestaron una tendencia a convertirse en ciudades rurales” (WEBER, 2008, p.43). Weber mostra que possui um pouco mais de versatilidade do que o proposto por Finley, em especial ao contradizer o historiador alemão Theodor Mommsen, ganhador do Nobel de Literatura de 1902, que defenderia que Roma e as demais cidades da antiguidade itálica teriam surgido da aglutinação da população rural formada pelas *gens*³ (WEBER, 2008, p.44).

A influência da ideia da origem agrícola das cidades é antiga. Thomas Morus e sua noção de cidade ideal como coabitada em revezamento por cidadãos e camponeses (FREITAG, 2006, p.77). Para o historiador americano Lewis Mumford, em seu *A cidade na história*, de 1961, a cidade nasceu da necrópole. Foram os cemitérios que atraíram e congregaram populações nômades, mas ao lado dessa origem, há também a agricultura e a segurança (FREITAG, 2006, p.111).

Finley (2019) também menciona Marx, que aponta para a importância agrícola no surgimento das cidades, tanto na Antiguidade quanto na Idade Média (MARX, 2011, p.86). O historiador também já lembrava de como Adam Smith acreditava igualmente na origem agrícola das cidades. Segundo o próprio,

já que sua residência não está necessariamente fixada a um lugar específico como é o caso dos agricultores, naturalmente se estabelecem um perto do outro,

³ “Aunque la colonia, la sociedad rural, haya sido, como sostiene Mommsen, la proyección actualizada del sistema agrario basado en las gentes, no obstante estaba organizada en defensa de otros, en posición fortificada, y por tanto estaba organizada como ciudad.” (WEBER, 2008, p.44).

formando assim uma pequena cidade ou aldeia. Logo se lhes juntam o açougueiro, o cervejeiro, o padeiro, juntamente com muitos outros artífices e varejistas necessários ou úteis para atender às suas necessidades ocasionais, e que contribuem para que a cidade cresça ainda mais (SMITH, 1996, p.375).

Revisões e implosão da teoria

Mumford foi um dos que romperam com a primazia do mundo rural na formação das cidades. Ele possui uma análise mais rica do que este breve resumo, e põe em questão as atividades de arqueólogos que procuram as origens da cidade de maneira física:

É possível que alguns dos sítios utilizados mais tarde já tenham sido temporariamente ocupados, antes que começasse a existir qualquer coisa que hoje reconhecemos como uma cidade. Situarmos em bases falsas todo o problema da natureza da cidade, se procurarmos apenas estruturas permanentes, amontoadas por trás de uma muralha. Para chegar mais perto das origens da cidade, cumpre-nos, assim penso, suplementar o trabalho do arqueólogo que procura a mais funda camada na qual possa reconhecer uma obscura planta baixa, a indicar a existência de uma ordem urbana. Se quisermos identificar a cidade, devemos seguir a trilha para trás, partindo das mais completas estruturas e funções urbanas conhecidas, para os seus componentes originários, por por mais remotos que se apresentem no tempo, no espaço e na cultura, em relação os primeiros tells que já foram abertos. Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais (MUMFORD, 2004, p.11).

Como veremos, o trabalho arqueológico avançou muito quantitativamente e qualitativamente desde 1961, quando escreveu seu livro. Segundo o autor americano, na medida em que a primeira cidade foi a dos mortos, com as necrópoles e cemitérios, com o tempo atraiu a fixação dos vivos. Chega a afirmar que “a cidade dos mortos é a precursora, quase o núcleo, de todas as cidades vivas” (MUMFORD, 2004, p.13). As cavernas também teriam sido predecessoras das cidades, com as primeiras práticas da vida cívica. Uma economia de coleta e caça já poderia ter promovido os primeiros assentamentos permanentes.

Muito antes que as aldeias rurais e as pequenas cidades se tornassem uma característica da cultura neolítica, já provavelmente se haviam sondado seus sítios favoráveis: a fonte cristalina com seu suprimento de água para o ano inteiro, o sólido monte de terra, acessível embora protegido por um rio ou represa, o estuário próximo muito farto em peixes e crustáceos - tudo isso já servia, em muitas regiões, para a economia mesolítica intermediária, em sítios cuja ocupação permanente é atestada por montes enormes de conchas abertas (MUMFORD, 2004, p.15).

Seu pecado é a falta de dados arqueológicos. Quando os apresenta, põe à prova a antiguidade das primeiras cidades ao mencionar aldeias neolíticas do sul da Rússia, relativamente recentes (MUMFORD, 2004, p.15) segundo ele (se referiria aos assentamentos da cultura Cucuteni-Trypillia, 5050 a.C. a 2950 a.C., que abrangia a Ucrânia e a Romênia?⁴).

⁴ Graeber e Wengrow afirmam que suas cidades, fundadas entre 4100 a.C. até 3300 a.C., seriam mais antigas que as egípcias, mesopotâmicas ou do Vale do Indo em muitos séculos (GRAEBER; WENGROW, 2022, p.380) - para decepção de Mumford. O conhecimento dessas cidades é da década de 1880, mas segundo os dois autores americanos, o desenvolvimento das pesquisas nos anos 1970 no mundo socialista e o caráter igualitário dessas

Menciona cidades emergindo ao redor de grandes pedras ou bosques sagrados, mas não as apresenta. Sua abordagem é quase determinista religiosa, como a de Coulanges, por exemplo, quando afirma que a domesticação e o uso do estercó na agricultura podem ser oriundos de ritos de fertilidade e sacrifícios mágicos, ou do caráter decorativo dos animais domésticos antes de serem utilizados como fonte de carne. A agricultura e outras práticas econômicas vem em segundo plano e num segundo passo. Ainda assim fala em aldeia e aldeola agrícolas, e da importância da agricultura para o desenvolvimento posterior das cidades, como a necessidade de paredes e muros defensivos diante dos animais domesticados e daqueles selvagens (MUMFORD, 2004, p.19; 20; 21). “O próprio ato da fixação em aldeias ajudava fazer com que a agricultura se sustentasse sozinha” (MUMFORD, 2004, p.21), assim as raízes da própria agricultura poderiam ser os centros cerimoniais e necrópoles, ao gerar as cidades que consolidaram os campos e a prática agrícola de domesticação de plantas que, como árvores frutíferas, poderiam demorar décadas para produzir.

Enquanto Finley (2019), ao tratar da cidade antiga, afirma que todos os pesquisadores até Weber, presos ao modelo evolucionista “caça, pastoreio, agricultura e comércio”, perceberiam a transição da aldeia para a cidade propriamente dita apenas em termos quantitativos - bem como das cidades antigas para as modernas, que se diferenciariam apenas por esse critério. Uma cidade é maior que uma aldeia. E tudo está pronto. Mumford aponta transformações mais profundas. Cita a evolução emergente desenvolvida por Lloyd Morgan e William Morton Wheeler:

Na evolução emergente, a introdução de um novo fator não faz apenas aumentar a massa existente, a massa existente, mas produz uma transformação geral, uma nova configuração, que altera suas propriedades. Potencialidades que não podiam ser percebidas na fase pré-emergente [...]. Assim também ocorre com o salto a partir da cultura de aldeia. Os antigos componentes da aldeia foram transportados ao novo plano e incorporados na nova unidade urbana; contudo, graças à ação de novos fatores, foram eles recompostos num padrão mais complexo e instável que o da aldeia [...]. A composição humana da nova unidade tornou-se igualmente mais complexa; além do caçador, do camponês e do pastor, outros tipos primitivos introduziram-se na cidade e emprestaram sua contribuição à sua existência: o mineiro, o lenhador, o pescador, cada qual levando consigo os instrumentos, habilidades e hábitos de vida formados sob outras pressões. O engenheiro, o barqueiro, o marinheiro surgem a partir desse fundo primitivo mais generalizado, em um ou outro ponto da seção do vale: de todos esses tipos originais, desenvolvem-se ainda outros grupos ocupacionais, o soldado, o banqueiro, o mercador, o sacerdote. Partindo dessa complexidade, criou a cidade uma unidade superior (MUMFORD, 2004, p.37-38).

No entanto, não percebe o mineiro (ou o “soldado”, como poderíamos chamar os seguidores de líderes de fortalezas com controle à água ou rotas de migrações animais e comércio, como o próprio Mumford havia afirmado quanto ao caçador e escavações na Palestina) como um dos agentes ou causa das primeiras cidades, mas sim um ulterior habitante seu, entre outros, um forasteiro num meio composto em sua origem por outros tipos de ocupações. Também fala em mudanças no inconsciente primitivo, com a passagem do culto baseado na memória dos antepassados ao culto de deuses celestiais todo-poderosos, além da percepção dos habitantes passar da impressão de familiares, de comporem uma grande família, para a de súditos; do poder passar da sabedoria dos patriarcas de cada família para a faixa etária que apoiasse o rei; com o corpo agrícola das cidades sendo obrigado a produzir excedentes para a administração emergente. “A arcaica cultura de aldeia cedeu lugar à

cidades teriam formado uma barreira ideológica contrária à disseminação dessa informação. Talvez o motivo desse desconhecimento seja outro fator descrito pelos autores: a inexistência de qualquer edificação monumental como templos, palácios, praças e mercados de comércio ou fortalezas. Nesse mundo de igualmente, existiam apenas casas simples e suas hortas.

“civilização” urbana, essa peculiar combinação de criatividade e controle, de expressão e repressão, e tensão e libertação”, a Revolução urbana do arqueólogo australiano Gordon Childe (MUMFORD, 2004, p.38).

O autor faz a distinção entre aldeias e cidades, as primeiras sendo formadas por abrigos precários, entre meia dúzia e três vintenas de famílias, e as segundas desenvolvidas, inclusive com arquitetura monumental, mas a partir de conquistas técnicas e comportamentais ocorridas nas aldeias e primeiros pontos de fixação humana. Mas ao descrever a cidade propriamente dita, deixa claro que suas origens são agrícolas.

o aparecimento real da cidade ocorreu como resultado final de uma união mais remota entre os componentes paleolíticos e neolíticos. Essa união, se minha suposição é correta, foi sustentada, quando não provocada, pelo último grande progresso da revolução agrícola, a domesticação dos cereais e a introdução da cultura do arado e da irrigação (MUMFORD, 2004, p.28).

A cidade deriva da necrópole em quase todos os casos ou ela provém desde o acúmulo de pequenas explorações agrícolas e aldeias próximas, algumas delas tendo remotas origens cerimoniais? Ambas as conclusões são possíveis em Mumford.

A cidade não seria composta apenas pelos agricultores e aldeões. O autor crê que caçadores permaneciam parte do ano dentro de seus muros, como forma de controle de animais que danificavam as lavouras ou que eram uma ameaça à população. O que contribuiu com mais um fator de aparição das cidades. Fortalezas de caçadores poderiam gerá-las.

há indicações definidas, na Palestina, de que o acampamento temporário do caçador passou a ser uma fortificação ocupada continuamente. Essa fortificação é dirigida por alguém a quem o arqueólogo, de modo algo demasiado vago, descreve como “chefe local”, obviamente não sozinho, mas com um grupo de caçadores que o apoiam (MUMFORD, 2004, p.30).

Mumford vê no cruzamento do mundo paleolítico com o neolítico (hoje poderíamos falar em mesolítico) proporcionado pelas cidades, mais uma oportunidade para diferentes agentes. Assim, percebe a cidade como produto desses diversos atores, bem mais variados do que apenas agricultores locais se reunindo e aglutinando.

Como resultado dessa união das duas culturas, provavelmente terá ocorrido, justamente ao mesmo tempo, a mais ampla espécie de cruzamento e entremistura. Isso deu à cidade potencialidades e capacidades que nem o caçador, nem o mineiro, nem o criador de gado, nem o camponês, jamais teria sido capaz de explorar, caso fosse deixado a si mesmo em seu habitat regional (MUMFORD, 2004, p.35).

Apesar de falar explicitamente em evolução, segundo os critérios dos primórdios dos anos 1960, pré pós-modernos, Mumford não deixa de indicar mudanças que percebe com negativas. Um governo se impõe na cidade; a passagem das aldeias para as cidades teria produzido a transição de um mundo marcado pelo primado simbólico da mulher, com seus instrumentos para a casa, fertilidade e a domesticação, produtos seus, para uma preponderância bélica para conquista ou defesa de tendência masculina, com novos cultos e deuses homens e para homens, que tomaram muito do espaço de adoração das divindades femininas, o culto da Grande Mãe. Nas aldeias, a veneração à mulher, na cidade, ao homem, marcando até seu traçado urbano: “Luta, domínio, comando, conquistas eram os novos temas: não a proteção e a prudência, a firmeza ou a resistência passiva das aldeias” (MUMFORD, 2004, p.36) - que Graeber e Wengrow (2022, p.13) afirmam ser um erro segundo recentes estudos etnográficos e ao afirmar que a maioria das primeiras cidades possuíam caráter de não-diferenciação econômica, social ou política.

Enquanto Mumford (2004) vê a agricultura e as cidades como uma evolução, cheia de percalços e não retilínea, como a participação de caçadores na construção da cidade e mesmo em sua liderança, Graeber e Wengrow (2022), ao partir da posição do momento que se procura ser decolonial e trazer o ponto de vistas dos povos tradicionais, percebem ambas como um processo de dominação e perda de liberdades crescentes. Mumford não deixa de perceber que os primeiros cultivos se destinavam não a uma abrupta passagem ao sedentarismo e às cidades, mas sim como possíveis estoques para épocas de más safras nas plantas e árvores frutíferas que serviam para a coleta, bem como na frequência e rota dos rebanhos e manadas que serviam para a caça, portanto uma evolução positiva. Graeber e Wengrow entendem o processo como uma necessidade inelutável em decorrência da fome. As populações teriam preferido a continuidade das atividades mais livres e divertidas da caça e coleta. Um processo carregado de cores negativas.

Os dois autores americanos avançam com a indicação da origem extra-agrícola das cidades com as novas descobertas arqueológicas e antropológicas.

Assentamentos habitados por dezenas de milhares de pessoas surgiram pela primeira vez na história humana por volta de 6 mil anos atrás, em quase todos os continentes, a princípio em pontos isolados. Em seguida, eles se multiplicaram. Uma das dificuldades para conciliar o que sabemos hoje sobre essas cidades com uma sequência evolutiva convencional — na qual cidades, Estados, burocracias e classes sociais emergem todos juntos — reside no fato de que são cidades muito diferentes. A questão aqui não é somente que algumas dessas primeiras cidades não tinham divisão de classes, monopólio de riqueza ou hierarquia administrativa. Elas exibem uma variedade tão grande de características que, desde o princípio, o que parece ter ocorrido foi uma experimentação consciente com o formato urbano.

A arqueologia contemporânea mostra, entre outras coisas, que um número surpreendentemente pequeno dessas primeiras cidades contém sinais de um regime autoritário. Também revela que sua ecologia era bem mais diversificada do que antes se pensava: as cidades não dependem necessariamente de um entorno rural, no qual servos ou camponeses realizam um trabalho exaustivo, produzindo carroças de cereais para o consumo dos moradores urbanos. Sem dúvida, essa situação tornou-se cada vez mais comum em épocas posteriores, mas nas primeiras cidades o cultivo de hortas e a criação de animais em pequena escala com frequência tinham ao menos a mesma importância; o mesmo se dava com os recursos de rios e mares e com a constante caça e coleta de alimentos sazonais silvestres em florestas ou áreas alagadas. A mescla dessas atividades em cada cidade dependia muito do lugar em que estavam situadas, mas vem se tornando cada vez mais claro que os primeiros moradores urbanos nem sempre deixaram marcas de seu impacto no ambiente, ou uns nos outros (GRAEBER; WENGROW, 2022, p.370).

A agricultura tem sua importância, mas coetânea com outras atividades econômicas. E não apenas isso. As cidades variavam incrivelmente em suas origens e lugares, o que implicava em razões que podiam ou não englobar aspectos agrícolas em sua gestação, ou que podiam levar em conta a agricultura conjuntamente a outros aspectos.

Para a infelicidade de Mumford, baseados em dados arqueológicos recentes, os dois autores desacreditam a tese de que os primeiros locais de reunião deram origem às cidades.

A explicação convencional aponta como causas fundamentais fatores tecnológicos: as cidades foram um efeito retardado, mas inevitável, da “Revolução Agrícola”, que impeliu o crescimento demográfico e desencadeou uma série de outros desenvolvimentos, por exemplo no transporte e na administração, que tornaram possível sustentar enormes populações num único local. Em seguida, surgiram os Estados para administrá-las. Como vimos,

nenhuma parte dessa explicação parece ser corroborada pelos fatos (GRAEBER; WENGROW, 2022, p.376).

Figura 1 – A cidade simétrica e organizada de Uruque



Fonte: LEICK, Gwendolyn. Mesopotâmia: a Invenção da Cidade. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p.54.

Os autores chamam a atenção para fatores ecológicos que levaram à urbanização, até mesmo desastres naturais e vulcões, como no caso de Teotihuacán, em especial os ocorridos no fim da Idade do Gelo, com profundos impactos agrícolas e de densidade habitacional⁵.

⁵ “Em muitas regiões da Eurásia e em algumas das Américas, o aparecimento das cidades acompanha de perto um reembaralhamento secundário das cartas ecológicas, iniciado por volta de 5000 a.C., após a Era Glacial. Ao menos duas mudanças ambientais são reconhecíveis aqui. A primeira tem a ver com os rios. No princípio do Holoceno, os grandes rios do mundo ainda eram quase todos descontrolados e imprevisíveis. Então, por volta de 7 mil anos atrás, os regimes das cheias começaram a mudar, permitindo que se adotassem rotinas mais regulares. Foi isso o que deu origem às planícies aluviais amplas e férteis ao longo do rio Amarelo, do Indo, do Tigre e outros que associamos às primeiras civilizações urbanas. Paralelamente, o derretimento das geleiras

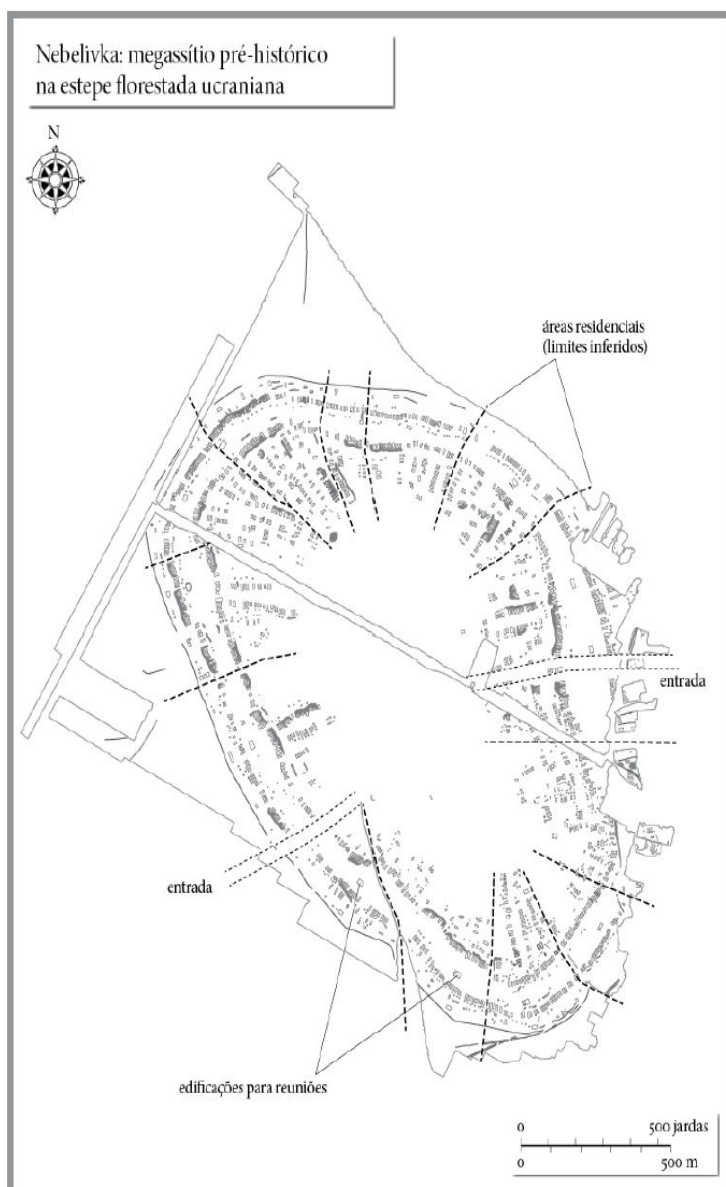
Apesar da aparente oportunidade agrícola, seria mais do que possível que as cidades tenham produzido a agricultura intensiva capaz de fornecer excedentes, e não o contrário⁶. “Nessas novas economias urbanas, caçadores, coletores e pescadores eram tão importantes quanto agricultores e pastores. O campesinato, por outro lado, foi um desenvolvimento posterior e secundário” (GRAEBER; WENGROW, 2022, p.377). Além disso, as primeiras cidades também seriam frutos de ondas migratórias, como novamente Teotihuacán, formada por migrantes de Yucatán e a Costa do Golfo, com direito a um bairro maia, e templos de imigrantes de Teotihuacán em cidades maias (GRAEBER; WENGROW, 2022, p.437).

Além disso, apontam que os governos das primeiras cidades, mesmo as monárquicas, na grande maioria dos casos contava com assembleias populares de bairros, que auto-governavam-se como antes da chegada dos reis; que as diferenças sociais iniciais não eram tão acentuadas, com a elite local unindo-se ao restante da população no serviço de corveia para reparar e construir canais de irrigação e templos, com os próprios reis mesopotâmicos ao carregar tijolos para as obras, como qualquer um, em eventos de inversão das posições sociais como no carnaval. E quando governos realmente tirânicos se instalavam, como a conquista amorita do Eufrates Sírio, a população local poderia responder com a revolta ou com a debandada da cidade (GRAEBER; WENGROW, 2022, p.392-398). Também concordam com Mumford (2004) sobre o caráter de planejamento urbano das primeiras cidades, seja do projeto radial e circular da cultura Cucuteni-Trypillia (como Nebelivka) ou da retidão do traçado das cidades de barro na Mesopotâmia. Esta, se surgida nos ricos solos agrícolas das terras escuras ucranianas, também se dedicava às florestas vizinhas como fonte de subsistência. Também reafirmam uma característica da cidade antiga descrita por Finley (2019): boa parte de seus moradores eram de agricultores dos campos ao redor. A separação estrita entre população rural e urbana é apenas medieval.

polares diminuiu a tal ponto que o nível dos mares em todo o mundo se estabilizou, ou ao menos se tornou menos instável do que antes. O efeito conjunto desses dois processos foi tremendo, sobretudo onde os grandes rios desembocam nos mares, depositando sua carga sazonal de sedimentos férteis com mais rapidez do que a capacidade de bloqueio das marés. Assim surgiram os grandes deltas em forma de leque que vemos hoje na foz do Mississippi, do Nilo ou do Eufrates, por exemplo” (GRAEBER; WENGROW, 2022, p.375).

⁶ “Abrangendo solos bem irrigados, anualmente renovados pela ação fluvial, áreas úmidas férteis e habitats litorâneos apreciados por animais de caça e aves de hábitos migratórios, o ambiente dos deltas foi um dos principais pontos de atração das populações humanas. E atraiu sobretudo os cultivadores neolíticos, com suas lavouas e seus rebanhos. Não há surpresa aí, considerando que os deltas eram uma versão em grande escala do tipo de ambiente próximo a rios, nascentes e lagos no qual teve início a horticultura neolítica, mas com uma diferença importante: além do horizonte estava o mar aberto, e diante dele vastas áreas pantanosas fornecendo recursos aquáticos que atenuavam os riscos da lavoura e eram uma fonte permanente dos materiais orgânicos (junco, fibras, sedimentos) exigidos para a construção e a manufatura. Tudo isso, associado à fertilidade dos solos aluviais no interior do continente, impulsionou a difusão de formas mais especializadas de cultivo na Eurásia, entre elas o uso de arados puxados por animais (também adotados no Egito por volta de 3000 a.C.) e a criação de ovelhas para obtenção de lã. Portanto, a agricultura extensiva pode ter sido a consequência, e não a causa, da urbanização. Muitas vezes, decisões a respeito de quais cereais plantar e quais animais criar tinham menos a ver com a subsistência em si e mais com as emergentes atividades manufatureiras das primeiras cidades, em especial a produção de tecidos, e também com formas populares de culinária urbana como bebidas alcoólicas, pão fermentado e laticínios” (GRAEBER; WENGROW, 2022, p.377).

Figura 2 – A cidade igualitária, agroflorestal e concêntrica de Nebelivka, da cultura Cucuteni-Trypillia



Fonte: GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo: Uma nova história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p.383.

Nem todas as obras mais recentes descrevem essa origem variada das cidades. Escrevendo em 2001, Leick (2004, p.13-14), atribui às cidades mesopotâmicas uma origem baseada apenas na agricultura, com a agricultura intensiva despertando antes e tornando possível o mundo urbano ao seu redor, em oposição ao proposto por Graeber e Wengrow (2022), e uma porcentagem de 90% da população da Mesopotâmia Meridional residindo nessas cidades no fim do terceiro milênio a. C. (LEICK, 2004, p.18). Ao mencionar a cidade de Eridu, aponta para a importância da bacia seis metros abaixo do nível local que formava rotineiramente uma lagoa em torno da cidade, a suprimindo de água para a agricultura. Sua razão de ser, no entanto, seria cônica, um Éden, um paraíso original no qual os deuses criaram a Terra e os homens, a primeira de todas as cidades, e que existia no mundo físico e poderia ser acessado por romeiros. O próprio lago ao seu redor, em meio ao deserto, era visto como sagrado e místico (LEICK, 2004, p.25; 48; 50). A assirióloga austríaca pode se enquadrar entre

os autores da transição da origem agrária para a origem múltipla da cidade. O mesmo pode ser dito do jornalista alemão Wolf Schneider (1964), que percebe o surgimento das cidades como o tradicional aglutinar de aldeias agrícolas.

Novas descobertas arqueológicas

Özbaşaran (2007, p.138) mostra que o assentamento no *tell* de Aşıklı Höyük, a cerca de 170 quilômetros de Çatalhöyük, na planície de Konia, no sul da Anatólia, foi habitado desde o 9º milênio a. C.⁷ Sua origem pode ter sido a de mineração da obsidiana. Não é qualquer rocha que pode ser lascada para servir como ferramenta. O homem do paleolítico já formara circuitos comerciais de escambo de médio alcance por determinadas rochas mais propícias a usos diversos. A melhor pedra para facas e lanças é a obsidiana. Como procede de vulcões, pode ser encontrada apenas em alguns lugares, e era cobiçada pelo homem paleolítico, mesolítico e neolítico; trata-se de um vidro natural formado pelo rápido resfriamento da lava rica em sílica. Esse processo impede a formação de cristais, resultando em uma textura vítrea semelhante à do vidro, e extremamente cortante quando lascada. A obsidiana de Aşıklı Höyük foi encontrada no Chipre e no Iraque. Comunidades e antigos mercadores cruzavam centenas de quilômetros do Taurus até a Anatólia Central, região de Aşıklı Höyük, em busca de sal e de obsidiana (DÜRING, 2006, p.8).

A própria Çatalhöyük, uma das cidades mais antigas do mundo e coetânea de Aşıklı Höyük, poderia ter surgido pela mineração da obsidiana e da pedra de pederneira (CONOLLY, 1999) - a pedra adequada para produzir atrito e fagulhas para fazer fogo, algo tremendamente importante para as populações paleolíticas, mesolíticas e neolíticas. A antiga povoação fica a 140 quilômetros do vulcão de cone duplo do Monte Hasan, numa região de riquezas minerais. Isso não impedia estas cidades de desenvolverem também a agricultura. Armazéns de grãos foram encontrados. A caça também era praticada. Mas o fator da mineração e do beneficiamento dos minerais locais pode ter sido essencial. Materiais para pintura também eram extraídos do local. Ocre e cinábrio eram procurados para funerais, pintura de crânios armazenados dentro das casas através do Levante e pintura mural e decorativa. Além disso havia também chumbo, ferro, cobre e óxido de mercúrio (SCHOTSMANS; BUSACCA; BENNISON-CHAPMAN et al., 2020, p.157). Centros como Çatalhöyük e Aşıklı Höyük se destacariam ainda mais com o calcolítico ou Idade do Cobre, quando surgiram cidades para a extração do precioso metal, que desaguaria na Idade do Bronze e no surgimento do comércio de larga escala e distância (CLINE, 2023).

Göbekli Tepe teria sido erigido em 9500 a. C. (CLARE, 2020, p.81). Apenas uma pequena seção da encosta foi escavada. Nenhuma cidade foi encontrada até agora. Esse imenso e primordial centro cerimonial do fim da Era do Gelo, no entanto, se destaca como um dos pontos de encontro de populações pré-históricas da transição do paleolítico para o neolítico, como ponto de caça ou rota de comércio, como apontaram Mumford (2004) e Graeber e Wengrow (2022). E é notável que uma comunidade ainda sem cidades fixas e mesmo sem plantas e animais domesticados e cerâmica tenha possuído organização e mão-de-obra para o construir, o que denota algum período, mesmo sazonal, de sedentarização. Além disso, é apenas mais uma estrutura entre outras da região, o ponto central de uma grande área destinada a monumentos sagrados com pilares em forma de T (ÖZDOĞAN; BAŞGELEN; KUNIHOLM, 2007, p.52), como Stonehenge milênios depois. Várias comunidades surgiram na região por volta de 8200 a. C., como Çayönü Tepe, Neva Çori ou Cafer Höyük, locais pioneiros na agricultura e domesticação de ovinos, bovinos e suínos, sendo Çayönü Tepe talvez o local de domesticação do porco (ERVYNCK et al, 2001, p.48; 49). Karahan Tepe, ao contrário de Göbekli Tepe, era composta pelo centro cerimonial e por uma cidade, com grandes estelas e pilares de pedra esculpida em forma de T, mas contendo imagens tanto antropomórficas

⁷ Düring (2006, p.1) crava a data de 8500 a. C. para a comunidade.

quanto zoomórficas, ao contrário de Göbekli Tepe, com iconografia apenas de animais. Qual o primordial, o centro cerimonial ou a cidade, ainda está no campo das suposições, mas o *tell* é tão antigo quanto Göbekli Tepe. Esses *tells*, montanhas de detritos formados pelas ruínas abandonadas por milênios, faziam parte da cultura Taş Tepeler, que deixou cerca de 12 sítios arqueológicos na região do sul da Anatólia à Mesopotâmia superior; sítios como Nevalı Çori, Yeni Mahalle, Karahan Tepe, Hamzan Tepe, Sefer Tepe, Taşlı Tepe, Kurt Tepe, Harbetsuvan Tepe, Sayburç, Ayanlar Höyük, Çakmaktepe. Todos os assentamentos. Iniciados por volta de 10000 a 7000 anos a. C., são anteriores à domesticação de animais e plantas, portanto precedem a agricultura e não são constituídos pelo desenvolvimento desta. Como Göbekli Tepe, sua arte faz mais menção à caça de animais do que a sua domesticação. As datas mais antigas para a domesticação de animais são por volta de 9000 a.C. para cabras e ovelhas, por volta de 8500 a.C. para porcos e por volta de 8000 a.C. para gado, todas na área do norte da Mesopotâmia, apesar de javalis já poderem ter sido alvo de tentativas de domesticação de rebanhos no sudeste da Anatólia em 11700 a.C. e de javalis, plenamente domesticados em 10500 a.C., teriam suas primeiras tentativas de controle humano em 11500 a.C. (AYAZ, 2023, p.371). Se há a ausência de campos cultivados na região de Taş Tepeler em seus primórdios, há currais e estruturas de pedras que foram construídas para direcionar rebanhos ainda selvagens para piquetes, servindo para a caça e o abate e as primeiras tentativas de domesticação de animais. Nessa região já foram identificadas 341 destas “pipas do deserto”, ou “cercados do deserto”, como são chamadas (ŞAHİN; MASSA, 2025, p.2).

As gazelas eram caçadas entre meados do verão e o início do outono [...] provavelmente com armadilhas de caça em massa. [...] A curta temporada de caça tem implicações mais amplas para nossa compreensão do armazenamento e consumo de carne a longo prazo e, conseqüentemente, de como o aprimoramento das técnicas de conservação e armazenamento pode ter afetado o comportamento sedentário e complementado as economias agropastoris incipientes (ŞAHİN; MASSA, 2025, p.5).

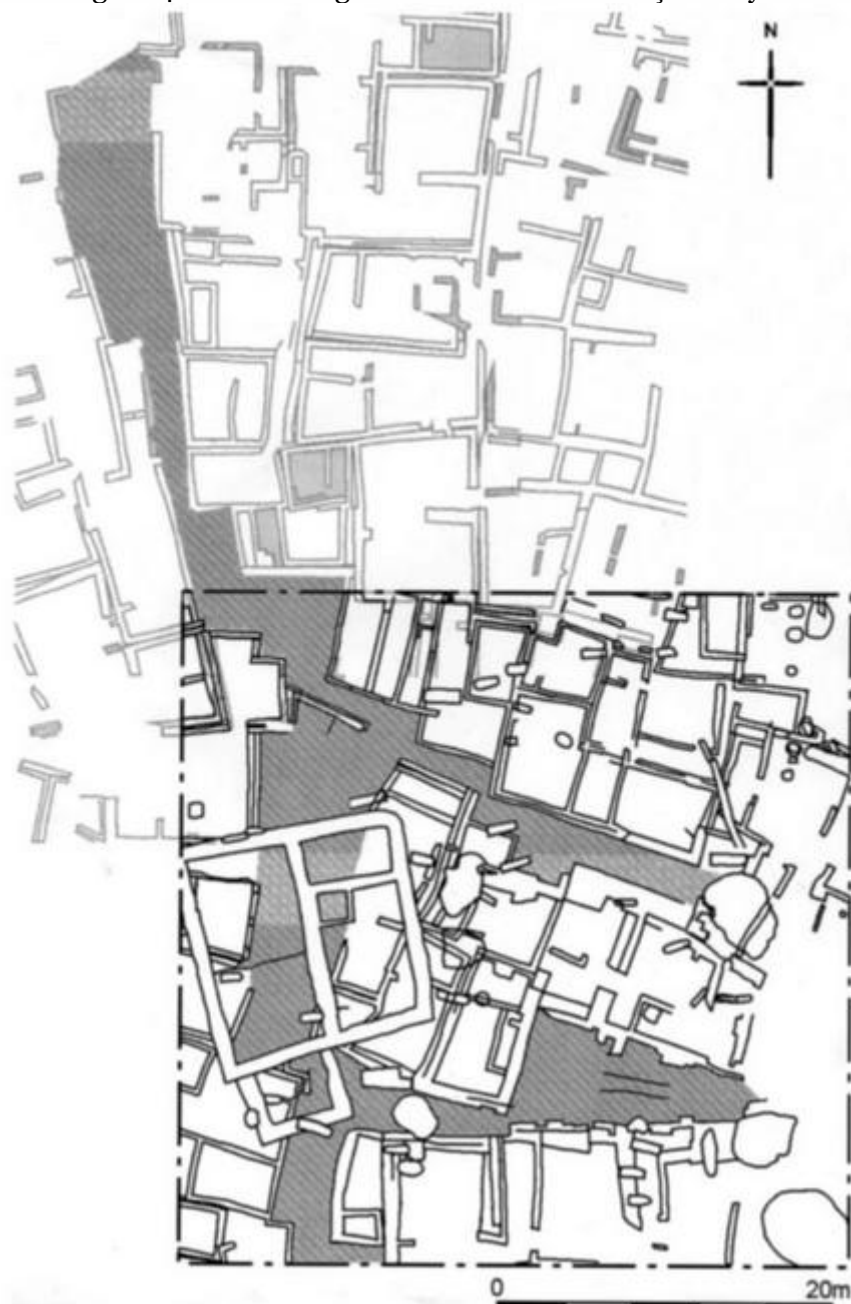
Deixemos o que hoje é o sudeste da Turquia para a Palestina, Síria e Jordânia.

Figura 3 – Aşıklı Höyük, uma cidade sem ruas, como Çatalhöyük



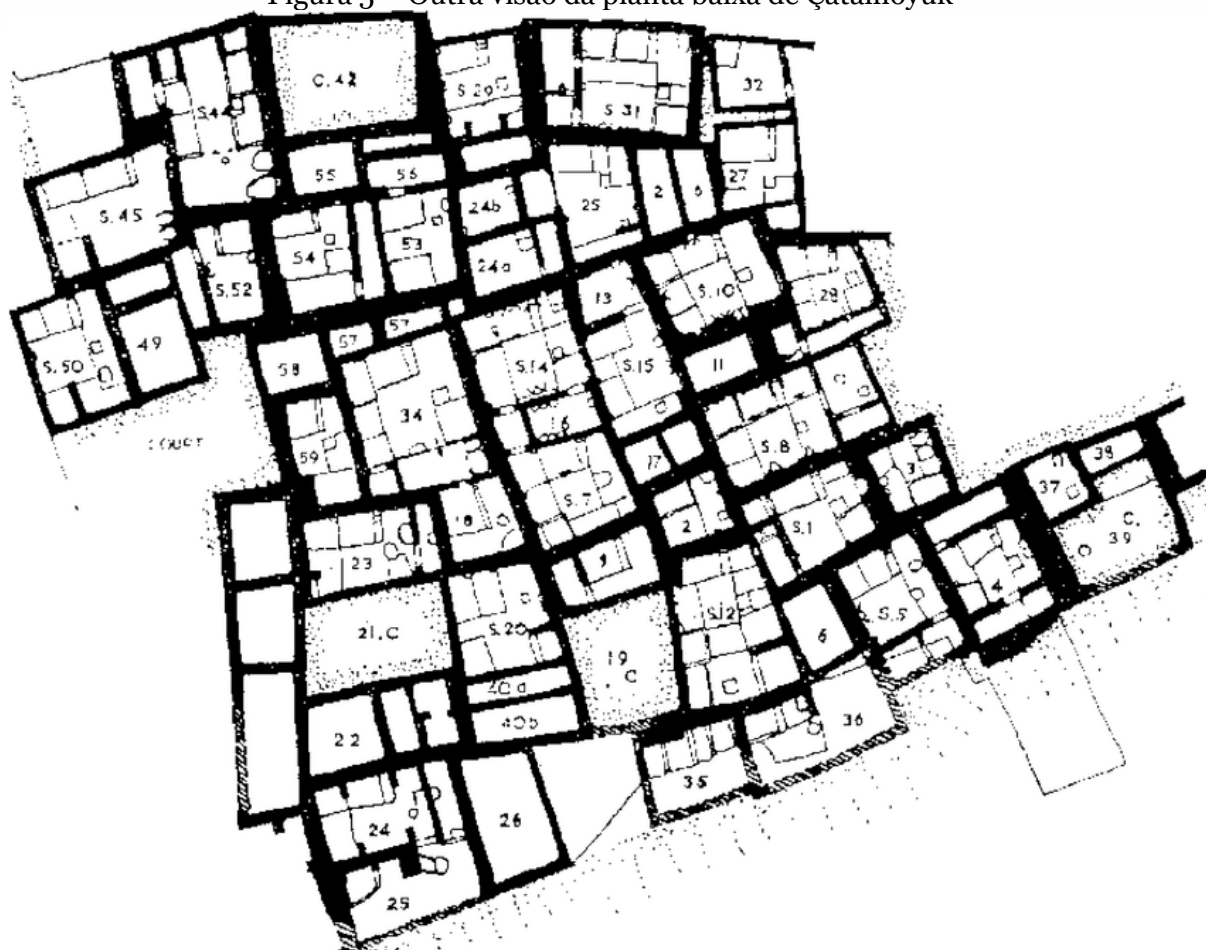
Fonte: ÖZBAŞARAN, Mihriban. Aşıklı. In: ÖZDOĞAN, Mehmet; BAŞGELEN, Nezi̇h; KUNIHOLM, Peter. The Neolithic in Turkey. Istanbul: Archaeology & Art Publications, 2007, p.153.

Figura 4 – A cidade igualitária e sem ruas de Çatalhöyük



Fonte: HODDER, Ian. Religion in the emergence of civilization: Çatalhöyük as a case study. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p.9.

Figura 5 – Outra visão da planta baixa de Çatalhöyük



Fonte: MELLAART, James. The Neolithic of the Near East. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1975, p.95.

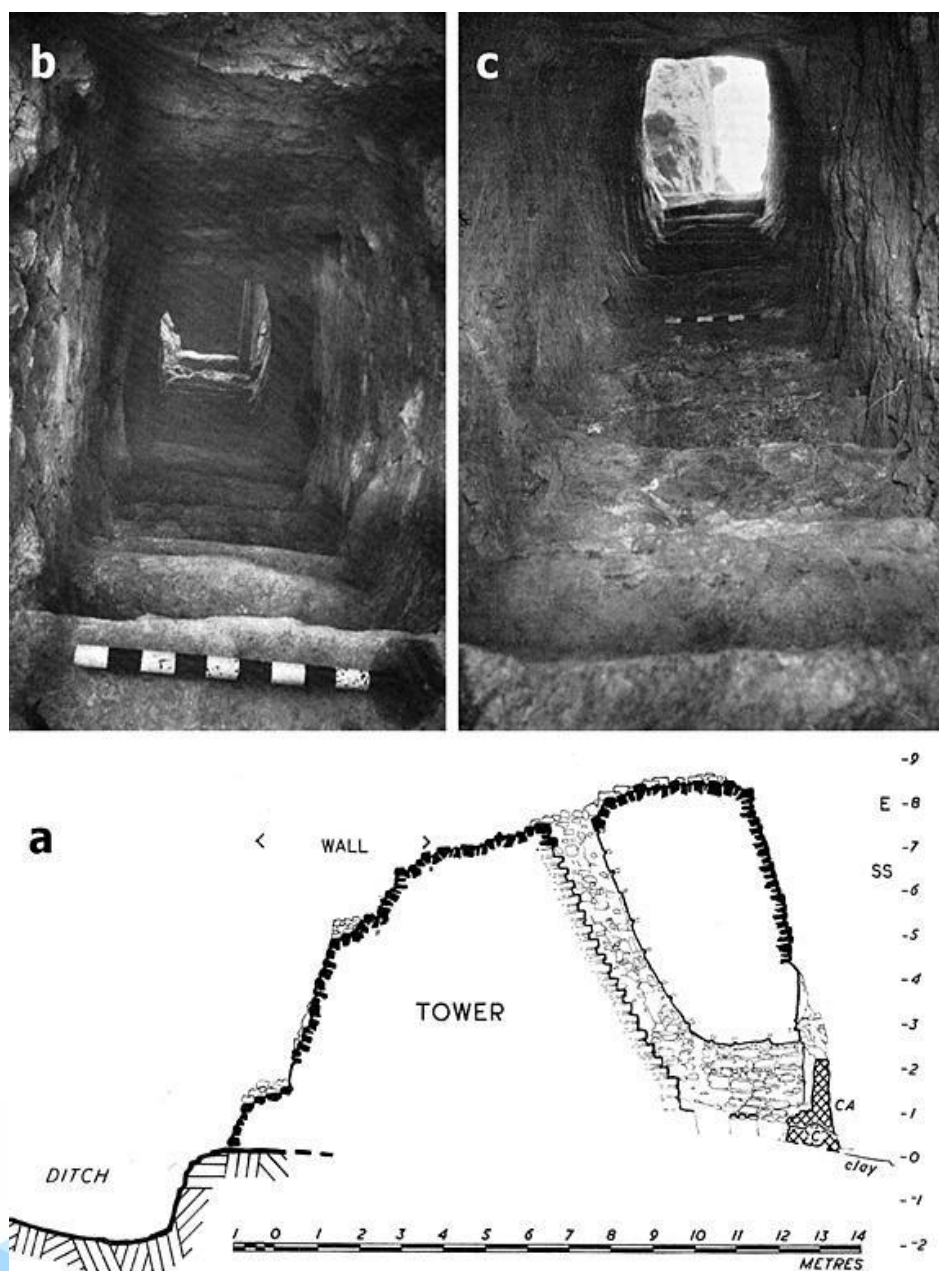
Figura 6 – As escavações de Göbekli Tepe em 2008



Fonte: ÖZDOĞAN, Mehmet; BAŞGELEN, Nezi̇h; KUNIHOLM, Peter. The Neolithic in Turkey. Istanbul: Archaeology & Art Publications, 2007, p.60.

Jerico é e sua torre possuem várias teorias. Sua torre ciclópica é tida por alguns (que desconsideram Göbekli Tepe e toda a cultura de Taş Tepeler) como o mais antigo monumento ou construção monumental da história, datando de 8300 a. C. Como fortaleza, poderia controlar o oásis ao redor que tornou Jerico um local importante. Um chefe militar poderia impor sua vontade às aldeias rurais da região e às rotas do comércio incipiente do Crescente Fértil que existiam na região e que necessitariam daquela fonte de água. Também poderia ser uma espécie de barragem para controle de enchentes periódicas, sendo assim a cidade originada de obras hidráulicas. Por fim, como um monumento simbólico, religioso e astronômico - tese defendida por Barkai e Liran (2013).

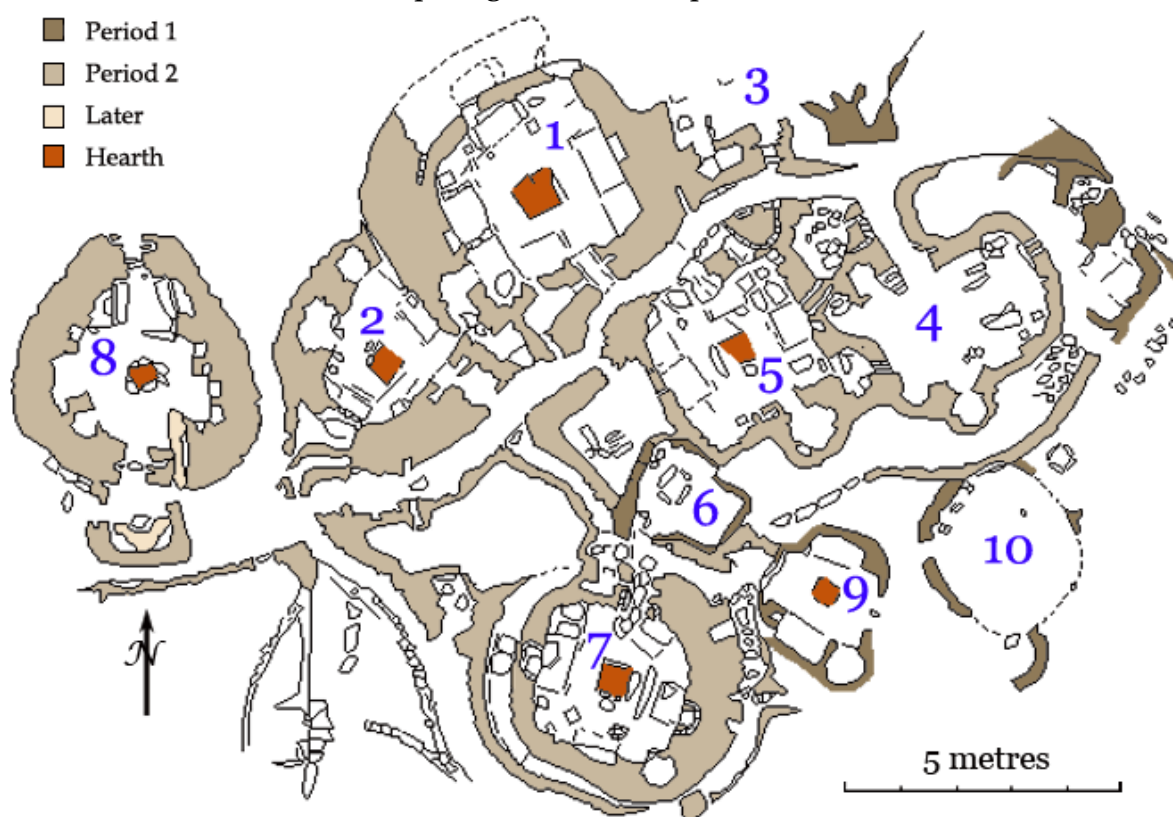
Figura 7 – Corte da Torre e Jerico em direção para o norte (a) e fotos das escadas de baixo (b) e de cima (c)



Fonte: KENYON, K.M., HOLLAND, T.A. Excavation at Jericho, Volume 3: the architecture and stratigraphy of the tel. Londres: British School of Archaeology at Jerusalem, 1981, p.85.

Ayn Ghazal, na Jordânia, habitada a partir de 8500 a. C., conheceu a agricultura e a domesticação de animais, mas os recursos florestais da área, com sua caça, eram essenciais. Quando a exploração excessiva da terra para a agricultura extensiva, da madeira para construção e fogo, dos solos para gesso de cal, numa área de transição da floresta para o deserto e num momento de mudança climática, o sítio, que chegou a ser seis vezes maior o que o de Jericó, acabou abandonado (ROLLEFSON, 1997, p.241-242). O mesmo pode ser dito do ainda mais antigo Tell Mureybet, na Síria, datado de 10000-9200 a. C. A agricultura era apenas parte das atividades locais, como provam a grande quantidade de pontas de flechas destinadas para a caça de gazelas (HUSSEN ABDO, 2019). É o mesmo caso do Tell Aswad, que apesar da importância da agricultura com plantas já domesticadas (talvez irrigada) e animais em processo de domesticação, ainda possui espaço para a caça de cabras e porcos (HELMER; GOURICHON, 2017, p.24).

Figura 8 – “A Fase II de Skara Brae tinha salas retangulares que compartilhavam paredes, além de passagens cobertas e pavimentadas”



Fonte: HARRIS, Stuart. Skara Brae curbstone decipherment. Kinlochewe: Academia.edu, 2021, p.4.

O mesmo ocorre fora do Crescente Fértil. Gordon Childe, em suas escavações nas Ilhas Orkney na década de 1930 percebeu assentamentos como sendo igualitários, como os pincelados por Graeber e Wengrow (2022), sendo adeptos das teses do comunismo primitivo. Rinyo e Skara Brae seriam provas desse mundo sem grandes diferenças sociais. Skara Brae, a “Pompéia escocesa” de 3180 a. C., é formada por cabanas de pedra de tamanhos similares, mobiliadas com estruturas de pedra, lareiras de pedra, cômodas de pedra, camas de pedra, estantes de pedra, banheiros e drenos para o Atlântico. Childe pensou que não havia agricultura nas gélidas e ventosas Orkney, assim tendo se originado do pastoreio e coleta de frutos do mar e pesca (CHILDE, 1931; CHILDE, 1935; CHILDE, 1940). Autores que descreem da existência do comunismo primitivo deram outra razão para o surgimento da cidade: uma classe de homens sábios ou sacerdotes, que eram mantidos pelas populações rurais das

proximidades em busca de fé e cura. Tais autores se baseiam nas ligações terrestres entre Skara Brae e o Túmulo de Maeshowe - um hipogeu e montanha ou monturo artificial como Silbury Hill, mas dois milênios mais antigo que Skara Brae. Assim a localidade seria um povoado exclusivo de magos, igualitários entre si, como uma elite, mas segregados da população rural local, que habitaria em condições muito diferentes (MACKIE, 1977). A idade relativamente recente de Skara Brae, se comparada aos assentamentos da transição do Paleolítico para o Neolítico no Crescente Fértil se explica pela idade desse fenômeno na Escócia, iniciado por volta de 4000 a. C.

Figura 9 – Escavações em Göbekli Tepe



Fonte: arquivo pessoal.

Considerações finais

A teoria clássica caça-pastoreio-agricultura-comércio, com a aparição das cidades na fase da agricultura, por mais lógica que fosse, não correspondeu às realidades emergidas da pesquisa arqueológica. Ela sobreviveu do século XVIII ao começo do século XX, quando a arqueologia passou a se dedicar mais na busca de um passado coletivo, econômico e social do que na busca por templos e palácios, tesouros e maravilhas, para encher as exposições dos museus europeus durante o século XIX. Essa mudança de foco e o surgimento de tentativas de comprovação das teorias como a do comunismo primitivo permitiram traçar origens muito menos lineares, claras e simples para as cidades. Ao invés de um acúmulo e concentração de casas e cabanas rurais, cada vez mais próximas num sistema de agricultura intensiva em sofisticação, diferentes atividades econômicas aparecerem em cena, inclusive a agricultura apoiada pela continuidade de práticas antigas como a coleta, a caça, a exploração florestal. Ao invés de reis todo-poderosos as erigindo, comunidades igualitárias ou sem grandes distinções, romeiros e adeptos de religiões com pontos fulcrais geográficos nas rotas das manadas ou locais sagrados, e chefes de guerra preocupados inicialmente com suas fortalezas para o controle da água e do comércio, que vieram a se expandir em cidades pelo crescente número de sequazes e da população local que também poderia procurar segurança, como no futuro, se organizando nos castros neolíticos e da Idade dos Metais.

Referências

- AYAZ, O. An alternative view on animal symbolism in the Göbekli Tepe Neolithic cultural region in the light of new data (Göbekli Tepe, Sayburç). **Iğdır Üniversitesi Sosyal Bilimler Dergisi**, v.12, n.33, 2023, p.365-383.
- BARKAI, R.; LIRAN, R. Midsummer sunset at Neolithic Jeircho. **Time and Mind**, v. 3, n. 1, 2013, 273–283.
- CHILDE, G. **Prehistoric communities of the British Isles**. Londres: W. and R. Chambers, 1940.
- CHILDE, G. Skara Brae: a “Stone Age” village in Orkney. **Antiquity**, v.17, n.5, 1931, p.47-59.
- CHILDE, G. **The Prehistory of Scotland**. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd, 1935.
- CLARE, L. Göbekli Tepe, Turkey: A brief summary of research at a new World Heritage Site (2015–2019). **Deutsches Archäologisches Institut**, n.2, 2020, p.81-88.
- CLINE, E. **1177 a. C.**: O ano em que a civilização entrou em colapso. Barueri: Avis Rara, 2023.
- CONOLLY, J. **The Catalhoyuk flint and obsidian industry**. Oxford: BAR International Series, 1999.
- COULANGES, F. de. **A Cidade Antiga**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- DÜRING, B. S. **Constructing communities**: clustered neighbourhood settlements of the Central Anatolian Neolithic ca. 8500-5500 Cal. BC. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2006.
- ERVYNCK, A.; et al. BORN FREE? New Evidence for the Status of *Sus scrofa* at Neolithic Çayönü Tepesi (Southeastern Anatolia, Turkey). **Paléorient**, v.2, n.27, 2001, p.47–73.
- FINLEY, M. A cidade antiga: de Fustel de Coulanges a Max Weber e além. In: FINLEY, M. **Economia e sociedade na Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- FREITAG, B. **Teorias da cidade**. Campinas: Papirus, 2006.
- GRAEBER, D.; WENGROW, D. **O despertar de tudo**: Uma nova história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- HELMER, D.; GOURICHON, L. The fauna of Tell Aswad (Damascus, Syria), early Neolithic Levels: Comparison with the northern and southern Levant sites. In: MASHKOUR, M.; BEECH, M. In: **Archaeozoology of the Near East 9**: proceedings of the 9th Conference of the ASWA (AA) Working Group. Oxford : Oxbow Books, 2017, p.23-40.
- HODDER, I. **Religion in the emergence of civilization**: Çatalhöyük as a case study. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- HUSSEN ABDO, K. Los proyectiles del Primer Neolítico en Tell Mureybet (Éufrates Medio, Siria). In: **UCrea**: Repositorio abierto de la Universidad de Cantabria, 2019.

- LEICK, G. **Mesopotâmia: a Invenção da Cidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- MACKIE, E. **Science and Society in Prehistoric Britain**. London: Palgrave Macmillan, 1977.
- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MELLAART, J. **The Neolithic of the Near East**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1975.
- MUMFORD, L. **A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ÖZBAŞARAN, M. In: ÖZDOĞAN, M.; BAŞGELEN, N.; KUNIHOLM, P. **The Neolithic in Turkey**. Istanbul: Archaeology & Art Publications, 2007.
- ROLLEFSON, G. Neolithic' Ayn Gazäl in its landscape. **Archaeology**, v. 19, n. 4, 1997, p.443-470.
- ŞAHİN, F.; MASSA, M. Mass-Hunting in South-West Asia at the Dawn of Sedentism: new evidence from Şanlıurfa, south-east Türkiye. **Antiquity**, v.99 (403), n.2, 2025, p.1-8.
- SCHNEIDER, W. **De Babilônia a Brasília**. São Paulo: Boa Leitura, 1964.
- SCHOTSMANS, E.; BUSACCA, G.; BENNISON-CHAPMAN, L. et al. Pigment use at Neolithic Çatalhöyük. **Near Eastern Archaeology**, n. 83, v.3, 2020.
- SMITH, A. **A riqueza das nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 2 vols.
- WEBER, M. **História agrária romana**. Madrid: Akal, 2008.
- WELLS, H. G. **História Universal**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970, v.2.

Recebido em: 18/08/2025.
Aprovado para publicação em: 02/03/2026.